

**DUNGA
RODRIGUES:
AMÉLIA QUE
ERA MULHER DE
VERDADE**
*DUNGA
RODRIGUES:
AMÉLIA QUE ERA
UNA MUJER DE
VERDAD*

Elizabete Nascimento¹

Resumo: O texto apresenta um sucinto esboço da figura feminina na produção historiográfica e literária de Maria Benedita Deschamps Rodrigues (1908-2002), popularmente conhecida como Dunga Rodrigues e que pode ser considerada uma das mulheres pioneiras na difusão da cultura no estado de Mato Grosso. A ativa participação da autora na sociedade cuiabana pode ser verificada por meio da localização, levantamento e estudo das suas produções, muitas delas esquecidas nos arquivos públicos da capital do estado. São obras que ressignificam os diversos aspectos da vida sociocultural e política no cenário literário e histórico da região Centro-Oeste. Porém, nesta abordagem, focalizaremos na luta pela

¹ Maria Elizabete Nascimento de Oliveira - Doutora em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos literários – PPGEL/UNEMAT. Atualmente, professora formadora do componente curricular de Língua Portuguesa na Diretoria Regional de Educação/DRE – Cáceres/MT. Membro do Grupo de Pesquisa: *Poética contemporânea de autoria feminina do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil* - UNIR/Universidade de Rondônia.

emancipação da mulher em diversos setores da sociedade apresentados pela autora, que não a própria casa. Dunga destaca a ruptura com o ideário e os paradigmas patriarcais ao apresentar os primeiros passos da mulher, especialmente da cuiabana, não deixando, porém, de ironizar sua situação subalterna mesmo no século XX, por meio do conto *Descoberta do século* (2000), que exhibe a Amélia motorizada, a condição da mulher frente ao progresso que alterou seus modos de vida e fortaleceu sua condição subalterna e submissa, com contribuição dos novos aparatos tecnológicos. Embora Dunga Rodrigues não apresente questões estritamente voltadas à figura feminina, podemos afirmar que há inclinação para descrever o apogeu deste protagonismo e/ou a denúncia do lugar ocupado pelas mulheres na sociedade da época.

Palavras chave: Literatura; Dunga Rodrigues; historiografia; conto; diálogos.

Resumen: El texto presenta un sucinto bosquejo de la figura femenina en la producción historiográfica y literaria de María Benedita Deschamps Rodrigues (1908-2002), conocida popularmente como Dunga Rodrigues y quien puede ser considerada una de las mujeres pioneras en la difusión de la cultura en el estado de Mato Grosso. La activa participación de la autora en la sociedad cuiabense puede comprobarse a través de la ubicación, relevamiento y estudio de sus producciones, muchas de las cuales han quedado olvidadas en los archivos públicos de la capital del estado. Se trata de obras que resignifican los diversos aspectos de la vida sociocultural y política en el escenario literario e histórico de la región Centro-Occidente. Sin embargo, en este enfoque nos centraremos en la lucha por la emancipación de la mujer en diferentes sectores de la sociedad que presenta la autora, distintos del hogar mismo. Dunga destaca la ruptura con ideas y paradigmas patriarcales al presentar los primeros pasos de las mujeres, especialmente de las Cuiabana, sin dejar de ironizar su situación subordinada incluso en el siglo XX, a través del cuento *Descubrimiento del siglo* (2000), que muestra la Amélia motorizada, la condición de la mujer frente al progreso que alteró sus formas de vida y fortaleció su condición subalterna y sumisa, con el aporte de nuevos dispositivos tecnológicos. Si bien Dunga Rodrigues no presenta temas estrictamente centrados en la figura femenina, podemos decir que hay una inclinación a describir el apogeo de este protagonismo y/o la denuncia del lugar que ocupaban las mujeres en la sociedad de la época.

Palabras Clave: Literatura; Dunga Rodrigues; historiografia; cuento; diálogos.

Introdução

Maria Benedita Deschamps Rodrigues, doravante Dunga Rodrigues, é filha de Firmo José Rodrigues e de Maria Rita Deschamps Rodrigues, nascida em 15 de julho de 1908, em Cuiabá, no estado de Mato Grosso. O pai seguiu carreira militar e foi personalidade influente na cidade, escritor e professor militante. Tendo ingressado tardiamente na carreira política, no entanto, conquistou e usufruiu de uma boa condição socioeconômica que possibilitou à filha, ainda muito nova, realizar diversas viagens nacionais e internacionais. Os escritos de Dunga evidenciam a proximidade e admiração pela figura paterna, a quem atribui dotes intelectuais e sensibilidade para lidar com o ser humano. Em contrapartida, tais características não estão presentes nas descrições feitas pela escritora sobre a figura materna, pois esta foi uma figura rígida, talvez para se adequar aos padrões da época, em que cabia à mulher a educação dos filhos, ou seja, a função de mantenedora da organização doméstica, familiar.

Esta abordagem busca, portanto, apresentar o enleio da história das mulheres que passeiam sobre a escrita de Dunga Rodrigues, que substitui a voz oprimida, por vezes tratada como igual, por outra transgressora, considerando as particularidades e subjetividades que se individualizam em cada ser, que denunciam o encarceramento, quer seja físico, quer seja existencial. Ressaltamos que às mulheres na época eram submetidas a obedecer às leis patriarcais, cedendo o direito de ser livre para: “[...] ser mãe, esposa e dona de casa [o que] era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidade de contestação” (Bassanezi, 2004, p. 609).

É na contramão destes ideários que Dunga Rodrigues apresenta as mulheres que subverteram algumas normas na sociedade cuiabana, as quais se opuseram às regras e normas convencionais e fizeram história na cidade de Cuiabá, num ambiente extremamente patriarcal. Assim, expõe a luta da figura feminina, apresentando-a, nas rupturas aos moldes tradicionais, sem deixar de lado a sagaz ironia, ao descrever as *senhoras ilustres* que enfeitavam os salões com suas vestimentas e joias, as quais ostentavam o poderio social e econômico dos seus maridos.

Uma trajetória da história da mulher na produção de Dunga Rodrigues

No livro intitulado: *História da Literatura Mato-Grossense* (2005), organizado por Rubens Mendonça, Olga Maria Castrillon Mendes ressalta a importância de estudos voltados ao conhecimento dos trabalhos produzidos na região, a fim de fazer circular as obras de autores que ficaram esquecidas nos arquivos públicos, como por exemplo, as de Dunga Rodrigues e assim, talvez seja possível recuperar aspectos importantes da cultura:

Culturalmente falando, Mato Grosso é Estado periférico. E o é não só em relação ao panorama nacional como aos seus aspectos internos. Não conhecemos as nossas produções culturais. E, se não as conhecemos, não as divulgamos, não fazemos leitores, não construímos a crítica, não participamos do mercado editorial, forte aliado do sistema de produção e de implantação do cânone (Mendes, 2005, p. 210).

Lenine Póvoas (1985), afirma que Dunga Rodrigues apresenta em sua produção a vanguarda intelectual cuiabana regida pela figura feminina na luta por independência

sociocultural e política. Ao fazer esta afirmação o autor se refere às primeiras mulheres cuiabanas, apresentadas pela autora na maioria de suas produções, como em: “Reminiscências de Cuiabá”, “Colcha de Retalhos”, “Cuiabá ao longo de 100 anos”, entre outras; mulheres que conseguiram ascender sociocultural e politicamente na região Centro-Oeste, conseguindo estudar e fazer outras atividades, para além das realizadas no ambiente do lar.

Dunga Rodrigues, no livro *Colcha de Retalhos* (2000, p. 17) destaca, [...] eu sempre gostei de ouvir as conversas das amigas da minha avó. Elas contavam a minha avó tudo o que passava, no decorrer de suas existências, a maioria a custo de seus irmãos, já que, não tendo uma profissão remunerada, nem um emprego que lhes desse uma renda mensal, de tudo dependiam desse irmão ou irmã com quem viviam. Era uma situação constrangedora, não resta dúvida. E a abertura das profissões liberais às mulheres foi um grande passo da humanidade. Não tanto pela acolhida dos irmãos, cunhados e cunhadas. Mas a situação de dependentes, sempre lhes trazia constrangimento e humilhação.

No que se refere à recuperação da figura feminina, Dunga não apresenta apenas o registro das mulheres intelectuais, as quais, na maioria das vezes, eram filhas da elite mato-grossense. Vale, neste momento, destacar a problematização de gênero apresentada por Simone de Beauvoir que aborda uma fenomenologia da experiência e da condição vivenciada pelas mulheres. Lugar onde se efetiva uma interlocução entre o Eu e o Outro, a corporeidade e a sexualidade, bem como a desconstrução identitária de um suposto sujeito feminino. Trata-se de uma filosofia feminista bastante atual, presente não apenas na sua

mais conhecida obra: *O segundo sexo*, publicada em 1949, como também, de um conjunto de análises e escritos de ficção, ensaios, textos autobiográficos e memória que apresentam as diversas vozes femininas e dão credibilidade à discussão. Trabalhos onde a autora nos aponta para o lugar que ocupa o feminismo/feminismos nos discursos filosóficos atuais, que sugerem novas indagações, partindo de concepções diversas sobre o tema.

Beauvoir realça a dimensão paradoxal constituída pela experiência das mulheres, em um mundo registrado pelos homens, autorizado pelos códigos e leis dos homens, abençoado pelas religiões e paradigmas masculinos. Portanto, ao mencionar feminismo entendemos como a busca incessante por equidade em uma sociedade regida por leis patriarcais, não se trata de oposição ao gênero masculino e/ou ascensão do gênero feminino.

Os registros feitos pela escritora das mulheres da classe popular que, de forma mais sutil, também romperam os paradigmas sociais da época, assim ao lermos as trajetórias apresentadas por Dunga a respeito das mulheres na sociedade cuiabana, percebemos que, agindo no ambiente do lar, outras figuras exerceram funções fundamentais, confirmando tal qual Mary Del Priore (2004, p. 229-230) que: [...] Os homens eram bastante dependentes da imagem que suas mulheres pudessem traduzir para o restante das pessoas de seu grupo de convívio. Em outras palavras, significavam um capital simbólico importante, embora a autoridade familiar se mantivesse em mãos masculinas, do pai e do marido.

Esposas, tias, filhas, irmãs, sobrinhas (eserviçais) cuidavam da imagem do homem público, esse homem aparentemente autônomo, envolto em questões de política e economia, estava

na verdade rodeado por um conjunto de mulheres das quais esperava que o ajudassem a manter sua posição social. Dunga Rodrigues, com sensibilidade peculiar, apresenta tais mulheres nos registros documentais e históricos, bem como as imortaliza na sua produção ficcional. Assim, subverte a concepção da imagem de uma mulher que, no lar, exerce função secundária e submissa, atribuindo-lhe o papel fundamental de esteio das funções exercidas pelos homens na época.

Se considerarmos o feminismo como uma bandeira a favor da igualdade de gêneros, podemos afirmar que a autora aborda em seus escritos a luta pela independência feminina, ao apresentar as mulheres desbravando caminhos em busca de emancipação e liberdade, especialmente no que diz respeito aos trabalhos que não a limitassem exclusivamente aos afazeres domésticos.

A autora apresenta Maria Ponce de Arruda Müller, ou como conhecida na capital de Mato Grosso Maria Müller foi a primeira mulher a ocupar uma cadeira na *Academia de Letras em Mato Grosso/AML*. Conforme já mencionado, Maria Ponce de Arruda Müller, figura influente no cenário intelectual da capital de Mato Grosso, além de amiga de Dunga Rodrigues, foi poetisa, jornalista, escritora e professora em Cuiabá. Com ela, Dunga Rodrigues escreve a coletânea de crônicas intitulada *Cuiabá ao longo de 100 anos* (1994), na comemoração dos 250 anos da cidade. Esta coletânea aborda aspectos da vida social da região Centro-Oeste por um século de história e enredos.

As “subversões” femininas nos são apresentadas pela autora, já em seu primeiro livro “Reminiscências de Cuiabá” (1969), destacando ações tanto da mulher proletária quanto da mulher que fazia parte da elite da época. Porém, Dunga era

sabedora das diferenças socioeconômicas que as distanciavam e por isso registrava seus feitos em seu espaço de atuação e vivência: Apontada como a primeira mulher heroína desta região é Maria Mulata que, no encontro com os índios payaguás no Carandá, em 1733, rechaçou-os valentemente, ao lado dos bandeirantes. Outras heroínas: Ana Mamuda, que aos 17 anos seguiu como viandeira das forças que iriam enfrentar o exército paraguaio. A negra Teresa, rainha do Quariteré, que preferiu a morte a ser escravizada, quanto deram o cerco ao Quilombo (Rodrigues, 1969, p. 128).

Dunga Rodrigues enfatizava que o tempo sozinho não bastava, devia sempre ser acrescido de ação, por isso “[...] alternava, no seu dia-a-dia, várias atividades: lecionava piano; lia; estudava partitura, preparava repertório; exercitava a datilografia, praticava arte, pintando cortina para janela etc.” (Freire, 2002, p. 18).

A mudança de lar para a casa dos avós paternos propiciou a Dunga o prazer de se encontrar com Maria Eusébia, a contadora de histórias que, de acordo com a escritora, só exercia a habilidade quando ela adoecia e, portanto, usava da artimanha de moribunda para que pudesse ouvir as narrativas da boa senhora (Acosta, 2002, p. 9). As lendas de Maria Eusébia estão compiladas no Livro Lendas de Mato Grosso (1997), também de organização e autoria de Dunga Rodrigues, juntamente com outras de lendas atribuídas ao padre José Maria de Macerata.

A respeito do livro supracitado, é importante lembrar a carta de Júlio Delamônica Freire, reproduzida em suas primeiras páginas: Dunga encarna a figura das mulheres cuiabanas participantes, dessas mulheres responsáveis pela definição do

perfil do nosso caráter, pela fundação do Clube Feminino, do Misto Esporte Clube, da Revista Violeta. Mulheres chefes de Quilombo, militantes dos partidos políticos, sempre atentas aos fatos que vão pontuando, marcando a vida desta cidade. Dunga traz consigo um pedaço da história de Cuiabá que, qual Maria Ozébia, com muita graça vai contando.

É preciso chamar a atenção para a importância histórica e antropológica deste roteiro, que registra dados etnográficos preciosos, essenciais à identificação de traços culturais que compõem o imaginário de tradição cuiabana. (Rodrigues, 1997, p. 07). Engana-se, portanto, quem pensa que Dunga conviveu apenas com esta contadora de histórias. Ao descrever a Rua Grande em umas crônicas que compõem a coletânea *Cuiabá ao longo de 100 anos* (1994), a autora apresenta, por exemplo, a casa do avô materno e a presença alegre de Teolinda: [...] Mas o anjo bom da casa era mesmo a Teolinda, ou Tidu, assim, carinhosamente chamada, que todas as crianças adoravam. Cozinheira perpétua da casa, negra, descendente direta de escravos, ela se transfigurava na fada encantada com que todos sonharam na sua infância. Sabia contar histórias como ninguém, inventava brincadeiras, dançava, fazia de tudo para alegrar a garotada. Guardava frutas para presentes. Ela era a própria festa (Müller; Rodrigues, 1994, p. 22).

Ao apresentar sua professora de primeiras letras, Joaquina Ferreira Lima, a autora carinhosamente a nomina como D. Joaquininha, denominação que seguirá amorosamente em outros de seus escritos. Ao tratar de sua preceptora, Dunga compara o universo em que vivia com os cenários dos contos de fadas, apelando para a sua fértil imaginação e criatividade.

Relata que a professora casara muito nova, aos treze anos de idade, com um cadete que fora criado no Rio de Janeiro. Destacamos que cadete, como menciona a própria autora, era um cargo militar destinado aos “filhos dos militares ou descendentes de personagens importantes que não queriam estudar, nem nada com a dureza” (Rodrigues, 2000, p. 19).

Dunga compara a vida de casada de Dona Joaquina com a vivida pelas protagonistas dos contos de fadas, dada a agitação enfrentada junto com o marido, mudando-se para Barra do Bugres e, logo após, para São Paulo e Rio de Janeiro. Ainda sobre D. Joaquina, a autora destaca que ela se separou do esposo e, com a ajuda do irmão formado pela Escola Militar da Praia Vermelha, retornou a Cuiabá. O episódio é importante para Dunga, pois foi assim que teve a oportunidade de conhecer “[...] a professora mais interessante do mundo. Com uma vida aventureira e vencendo situações difíceis, mas, ao mesmo tempo tão originais” (Rodrigues, 2000, p. 20).

Entendemos que, deste modo, a autora trabalha na contracorrente, pois os contos de fadas, normalmente, terminam com o foram *felizes para sempre*, relacionando a felicidade feminina com o casamento. Ademais, 36 apresenta na aparência frágil e delicada da professora, a força da mulher ao superar as contradições da vida cotidiana e romper com as convenções. Vale destacar ainda a figura da vizinha da autora, Maria Lina de Santana, que se tornara mais tarde sua tia. Esta senhora lhe ensinara as primeiras lições de didática, conhecimento com o qual, ainda cursando o quarto ano primário, iniciou seu trabalho com a docência, na alfabetização de soldados nordestinos. Dunga Rodrigues apresenta ainda as primeiras professoras formadas

pela Escola Normal e Escolas modelos, inauguradas em 1911, as quais mesmo antes da criação do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, ou da Academia Mato-grossense de Letras, fundam o *Grêmio Literário Júlia Lopes de Almeida*, o primeiro órgão de representatividade exclusivamente feminina, que tratava especificamente das ações literárias que aconteciam na capital do estado de Mato Grosso.

Desta forma, as mulheres se antecipam na construção da história sociocultural da cidade de Cuiabá e, talvez neste sentido, é pertinente a observação de Lenine Póvoas ao destacar que: “[...] sempre foi um fato marcante a participação das mulheres no desenvolvimento cultural em Mato Grosso. Por vezes, elas se anteciparam aos homens nos movimentos intelectuais” (Müller; Rodrigues, 2002, p. 3). Corroborando com as informações, Guacira Lopes Louro (2004), ressalta que: “[...] as mulheres, nas salas de aulas brasileiras e nos outros espaços sociais, viveram, com homens, crianças e outras mulheres, diferentes e intrincadas relações, nas quais sofreram e exerceram poder.

Pensá-las apenas como subjugadas talvez empobreça demasiadamente sua história, uma vez que mesmo nos momentos e nas situações, em que mais se pretendeu silenciá-las e submetê-las, elas foram capazes de engendrar discursos discordantes, construir resistências, submeter comportamentos. Construir uma história às avessas, exclusivamente apoiada na trajetória daquelas que foram revolucionárias, talvez também resultasse em uma construção reduzida e idealizada. (Louro, 2004, p. 478-479).

Como exemplo de subversão aos ideários da época, citamos também, a partir da exposição feita por Dunga Rodrigues, na

obra *Reminiscências de Cuiabá*, as senhoras Maria Dimpina de Arruda Lobo Duarte e Josefina Poyarte, primeiras mulheres formadas Bacharéis em Direito em Cuiabá, numa época em que os estudos eram, eminentemente, destinados aos homens. Ainda considerando esta frente de conquistas da figura feminina, nossa autora sublinha que: 37 [...] outras figuras femininas entre elas, Maria Venesa, eram alunas das séries mais elevadas quando nos matriculamos; éramos duas filhas de comerciantes e político Avelino de Siqueira, Maria Lacerda e eu, éramos nessa época quatro jovens no meio de um bando irreverente de rapazes, muitos vindo do sul do Estado (Müller, Rodrigues, 1994, p. 26-27).

Há, portanto, um misto de mulheres que transitam entre o mundo real e a ficção, nos escritos de Dunga Rodrigues. São figuras femininas que se fizeram enquanto presenças físicas em dado tempo da história, mas que, por surgirem na obra ficcional de Dunga, foram tocadas por sua subjetividade e criação estética, adquirindo estatuto próximo a de personagens. Embora se dizendo não feminista, sua alteridade traz as marcas de uma identidade feminina que observou com refinado trato as histórias das mulheres no cenário da sociedade cuiabana, pois: [...] quando uma mulher articula um discurso este traz a marca de suas experiências, de sua condição; práticas sociais diferentes geram discursos diferentes.

Uma mesma realidade pode suscitar várias verbalizações, reveladoras de experiências peculiares [...]. A ambiguidade (uma forma do duplo) é uma característica constante; não se trata apenas daquela ambiguidade própria do discurso literário (polissêmico por natureza), mas da que nasce da dúvida, da

hesitação; aquela que se opõe ao discurso da certeza. São textos com ritmo próprio, próximos da poesia, do tom confessional e intimista. (Xavier, 1991, p. 13). Relativamente ao exposto e endossando-o, Lúcia Castello Branco e Ruth Salviano Brandão (1989) delineiam as identidades que se entrecruzam no discurso feminino e destacam que a mulher ao falar de mulheres, onde quer que resplandeçam, de alguma forma fala de si mesma, do seu desejo e do seu inconsciente, pois o texto sempre remete à sua história.

Dunga enfatiza que algumas mulheres, as quais, antes, viviam à sombra do marido, após a morte do patriarca se superaram e tomaram a direção dos interesses da família, tendo os negócios bem sucedidos. Acreditamos que isto acontecia porque, de acordo com a autora, estas eram conhecedoras de todos os acontecimentos, conforme descreve na crônica *Mulheres de fibra*: [...] dona Maria Fontes, viúva de Manoel Marques, oriundo de Livramento. Foi político militante e homem de empreendimentos. Ao falecer, a sua esposa, [...] tomou a direção da usina, administrando-a com eficiência e sabedoria. [...] Nascida a 6 de abril de 1885, indo morar na usina. Teve dez filhos e enviuvou em 1906, quando começou a dirigir a empresa. Donana tinha personalidade forte e jocosa ao mesmo tempo. O seu espírito crítico era bastante aguçado. Frequentava as festas religiosas e profanas, mantinha, nas touradas, camarote privativo, onde eu apreciava os lances da arena em companhia das minhas tias. É importante lembrar que, para tal divertimento exigiam chapéu e luva. (Rodrigues, 1994, p. 182).

Outras mulheres ainda, na época, estudavam, desbravavam os caminhos e conduziam os negócios da família,

mesmo com a presença do marido, mostrando a ruptura com os padrões convencionais da época e saindo, aos poucos, da sombra da figura masculina, como era de costume. É o caso de Maria Roberta da Silva, façanha, assim, descrita pela autora:

[...] A terceira personagem foi Maria Roberta da Silva, minha tia avó, casada com Antônio Faustino da Silva, oficial do exército. Moravam no sítio da Glória, que mais tarde ficou conhecida como Chácara do Suíço, às margens do Cuiabá, rio acima. Era um sítio de grande proporção, onde além da criação de gado e agricultura, possuíam um engenho para a fabricação de aguardente e rapadura. A bem dizer, tudo sob direção de Maria Roberta, que tirou o seu diploma ginásial na mesma turma do senador Azeredo, uma façanha para a época, como consta do livro de atas do Liceu Cuiabano (Müller; Rodrigues, 1994, p. 183-184).

Ou ainda, aquelas que não apenas regiam o ambiente do lar, ou pequenos negócios, como também, por meio do conhecimento adquirido pela experiência contribuía para resolver os problemas da vizinhança: [...] na esquina do Beco da Polícia, duas senhoras de origem lusitana, aí se fixaram com um pequeno negócio, no tipo de inúmeras vendas que proliferaram na época. [...] Dona Relinda e Dona Alexandrina se tornara um porto seguro para os moradores do Porto. Sábias, experientes da vida, sinceras para com a sua vasta amizade, eram repositórios de confiança, atribulações e esperanças dos vizinhos e adjacências. (Müller; Rodrigues, 2002, p. 12).

A autora apresenta as mulheres não a partir da submissão à qual elas sempre estiveram sujeitas, ao contrário, na transgressão das normas convencionais que marcaram a luta por sua emancipação. É recorrente na produção da autora

a imagem da mulher lutadora, que realizou rupturas em busca de seus objetivos. A esse respeito, retomamos a Lenine C. Póvoas (2002), quando realça que a presença das mulheres na sociedade cuiabana sempre foi marcante, especialmente por meio de um grupo de vanguarda da elite intelectual feminina. Este grupo não só desbravou como também apontou caminhos possíveis para a atuação feminina. Neste sentido, Dunga Rodrigues, ao destacar as primeiras sociedades artísticas da época, ressalta que: [...] como participantes das representações, receberam os maiores encômios dos jornais da época as senhoras: D. Corsina Honorina Peixoto Pitaluga; D. Maria Francisca de Sampaio; D. Maria Luiza Antunes Maciel, que ‘conquistaram frenéticas palmas pelos seus transportes naturais’ (Rodrigues, 1969, p. 27 – grifo da autora).

No livro *Colcha de retalhos*, mais precisamente no conto *Descoberta do século* (2000, p. 137-138), Dunga Rodrigues destaca que a condição feminina no âmbito social pouco se modificou ao longo dos tempos, apenas mudaram as formas de submissão e encarceramento intelectual e, embora como já citado, se autodeclare não feminista, ela fecha sua última produção, escrita em 2000, citando Betty Naomi Goldstein (1921-2006). Esta, conhecida como Betty Friedan, foi uma das mais importantes ativistas feministas do século XX, escritora e jornalista americana, que analisou como as mulheres nos Estados Unidos estavam se casando mais cedo e, conseqüentemente, entrando em crise existencial. Além disso, destacou que a indústria de eletrodomésticos estava se preocupando em adequar o habitat natural da mulher às suas atuais necessidades, a cozinha e o ambiente restrito da casa.

Ainda na narrativa que fecha o livro *Colcha de Retalhos*

(2000), a narradora questiona se aquela mulher dona de casa, submissa, alheia ao mundo externo porque subjugada aos inúmeros afazeres do cotidiano doméstico - estudada por Friedan – acabou ou apenas foi camuflada por novas formas de submissão na sociedade atual. Formas essas, de acordo com o pensamento de Dunga, que se dão ao redobrar as inúmeras atividades destinadas à mulher, dando-se isto pela rapidez e *bom uso* do tempo, tendo, agora, máquinas e automóveis ao seu dispor e, portanto, enganosa locomoção e facilidade:

[...] passando a observar melhor, no meu próprio ambiente de trabalho, a cada instante chega Amélia: vem correndo apanhar a filhinha, com muita pressa, porque a máquina de lavar ficou ligada. Outra mais apressada, deixa a garotinha atordoada se esquecer de levar as partituras, porque a panela de pressão ficou no fogo. Mais outra, que deverá comprar a carne para o almoço. Esta Amélia trouxe a menina com quinze minutos atrasada porque passou no supermercado Morita. Esta outra irá ainda ao Izawa e ao Cecília, fazer suprimento para a casa. Já vi Amélias carregando em seus lindos veículos, material de construção, como azulejos e ripas, vidros e pias [...]. Outros vão mais longe. Montam em lugares distantes, casa ou apartamento confortável, dão condução de luxo e para lá transferem mulher e filhos, com pretextos de dar educação a estes, jogando nas costas da Amélia, uma responsabilidade que deveria, pelo menos, ser repartida (Rodrigues, 2000. p. 138).

As batalhas não ficaram restritas aos direitos femininos, mas, sobretudo, se desenvolveram relativamente à valorização da cultura, com um alto teor de sensibilidade, como é o caso de Dunga Rodrigues. Embora tenhamos destacado um número pequeno de mulheres, enfatizamos que outras personagens femininas são recorrentes nos escritos da autora, tanto para descrever a sua

servil obediência aos regimes patriarcais da época, quanto para ressaltar que na Cuiabá daquele período já havia mulheres que subvertiam as leis estabelecidas socialmente.

O século XX marca, expressivamente, o surgimento de um grupo de mulheres escritoras que desbravaram caminhos, tanto no mundo da escrita, como é o caso da autora, quanto na busca por ascensão profissional e social fora do ambiente do lar, na procura por denunciar e desvelar realidades que foram ignoradas pelo olhar convencional. Embora Dunga Rodrigues não apresente questões estritamente feministas, dado que não se verifica em sua produção preocupações quanto a diferenças de gêneros, há certa inclinação para a descrição do apogeu das figuras femininas em suas narrativas.

Em decorrência do momento histórico e da sociedade em que viveu e atuou a autora, é impossível não observar sua condição de figura feminina desbravadora na construção de um caminho com equidade nos diversos segmentos sociais, que por muito tempo ficou restrito à figura masculina. Dunga Rodrigues apresenta, tanto na sua ficção quanto em outras produções, possibilidades outras que não as enviesadas pelo olhar masculino ou do patriarcado, de conhecer a história de Mato Grosso, representada pela força e luta da mulher mato-grossense, não apenas pela sua atuação particular como também pela recuperação da luta de outras mulheres, as quais são apresentadas e representadas nas narrativas que ela compõe.

Não há dúvida de que a forma como Dunga Rodrigues organiza os depoimentos e narrativas nos conduzem ao tempo e espaço vividos pelas mulheres, no sentido de sublinhar que este é diverso do espaço dos homens. A autora se preocupou com o seu lugar e com os valores e, sobretudo, com a ideia de fazer circular

as memórias na manutenção da cultura. Participou ativamente da sociedade e atuou em diversos segmentos sociais, culturais e políticos de diferentes natureza e expressão. Este *modus vivendi*, narrado por ela, contribui para a compreensão das formas de atuação do povo [dos cuiabanos] frente à realidade que já estava sofrendo alterações, por meio das forças políticas e dos princípios de modernização que começavam a invadir e a intervir, significativamente, na forma de organização sociocultural e política da região Centro-Oeste.

As produções de Dunga expandem a parede da própria casa para repensarmos o cenário da intelectualidade literária. Ao abrir a janela, permite adentrar outros ares, outras culturas, já que a autora não esteve presa a Mato Grosso. É importante destacar que outras mulheres cuiabanas também já escreviam sobre a necessária independência feminina, como é o caso, por exemplo, de Maria Dimpina Lobo Duarte. De acordo com Geertz (1973, p. 17), “[...] o ponto global da abordagem semiótica da cultura é, [...] auxiliar-nos a ganhar acesso ao mundo conceptual no qual vivem os nossos sujeitos, de forma a podermos, num sentido um tanto mais amplo, conversar com eles”. O autor já salientava, em 1973, que a cultura é essencialmente semiótica, portanto, deve ser compreendida não apenas como uma ciência experimental em busca de leis, mas enquanto ciência interpretativa à busca de releituras e significados, em que a “[...] análise penetra no próprio corpo do objeto” (Ibidem, 1973, p. 11).

Esta expansão dos limites geográficos da região Centro-Oeste, realizada pela autora, foi atingida não apenas pela possibilidade de locomoção que tivera, mas também pela inteligência em se manter sempre em diálogo com os povos e viajantes que em Cuiabá vinham buscar morada. Isto se dava

de maneira contínua, num exame do tempo presente, por meio da observação, e, do tempo passado, por meio de pesquisas em fontes documentais.

Dunga Rodrigues é, portanto, uma escritora que deixou um amplo legado a respeito da gênese da sociedade em que viveu, enfatizando o percurso desbravador de mulheres que contribuíram significativamente com a história. Assim, é preciso se reconhecer neste espaço precursor de luta e conquista que indica o caminho da especificidade feminina e, ao mesmo tempo, convoca-nos, mulheres, a compreender o campo de complexidade no qual estamos inseridas, lembrando que:

Não existe retorno possível. Nunca mais seremos aquilo que éramos. O desconhecimento não se recupera. E o que nós adquirimos, acima de tudo, acima das leis e das conquistas do espaço, foi conhecimento, consciência. Hoje sabemos, e não aquele íntimo, calado conhecimento das nossas avós, que temos capacidades ilimitadas. Que tudo está ao nosso alcance e é um direito nosso. Isso não se apaga. Se uma parada existe, ela é da avaliação, não de recuo. E é a partir do nosso conhecimento, que seguiremos caminho (Colasanti, 1981, p. 184).

Desta forma, Benjamin Abdala Júnior (2012), aponta que o escritor empenhado com o seu povo deve resistir às mediocridades do mundo em que vive, com ações que permitem entender que sua atuação no mundo, enquanto intelectual, é intervir por meio da escrita na compreensão de um universo que expande as paredes da própria casa, apresentando como nos presenteou Guimarães Rosa (1962), uma terceira margem, porque a realidade, da forma como nos é apresentada, não basta, é preciso criar outros mundos. Neste sentido, chamamos atenção, também, à literatura escrita em outras regiões do país e que não fazem parte do cânone literário, pois são produções que podem

contribuir significativamente com as pesquisas e conhecimentos em diversos âmbitos, especialmente na desconstrução de rótulos e/ou estereótipos.

Referências

ABDALA Jr, Benjamin. *Literatura comparada & relações comunitárias, hoje*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

ACOSTA, Maria Aparecida. *Dunga Rodrigues* por Maria Aparecida Acosta. Cuiabá: s/ed. 2002.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. 2. v. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOSI, Ecléia. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CANDIDO, Antonio. (et.al.). *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

COLASANTI, Marina. *Mulher daqui pra frente*. São Paulo: Círculo do livro, 1981.

FREIRE, Nilza Queiroz. Acorde e perfume no ar. In: *Tributo a Dunga Rodrigues: Gratidão e saudade*. Cuiabá: Carrión e Carracedo, 2002.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC/Livros técnicos e Científicos, 1973.

HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

MENDONÇA, Rubens de. *História da Literatura Mato-Grossense*. Cáceres: Ed. Unemat, 2005.

MÜLLER, Maria de Arruda; RODRIGUES, Dunga. *Cuiabá ao longo de 100 anos*, 1994.

PÓVOAS, Lenine C. *Abertura de posse de Dunga Rodrigues a Academia Matogrossense de Letras*. Disponível em: <http://www.academiadeletrasmt.com.br/revistas/pdf/revistaAML-1985.PDF>

PÓVOAS, Lenine C. *História Geral de Mato Grosso: da proclamação da república aos dias atuais*, V. II/Lenine C. Povoas- Cuiabá: L.C. Povoas, 1996.

RODRIGUES, Dunga. *Reminiscências de Cuiabá*. Goiânia/Goiás: editora Cinco de Março, 1969.

RODRIGUES, Dunga. *Lendas de Mato Grosso*. Cuiabá: Ed. da Autora, 1977a.

RODRIGUES, Dunga. *Os Vizinhos*. Cuiabá: Secretaria de Educação e Cultura, 1977b.

RODRIGUES, Dunga. *Roteiro musical da cuiabania: a arte em Cuiabá*. Cuiabá: FUFMT/NDIHR, 1978a. (Coleção Memória Social da Cuiabania, Caderno 1).

RODRIGUES, Dunga. *Antônio Simaringo: vida e composições*. Cuiabá: FUFMT/NDIHR, 1978b. (Coleção Memória Social da Cuiabania, Caderno 2).

RODRIGUES, Dunga. *Dr. Antonio Pedro de Figueiredo: vida e composições*. Cuiabá: FUFMT/NDIHR, 1979a. (Coleção Memória Social da Cuiabania, Caderno 3).

RODRIGUES, Dunga. *José Mamede da Silva Rondon: vida e composições*. Cuiabá: FUFMT/NDIHR, 1979b. (Coleção Memória Social da Cuiabania, Caderno 4).

RODRIGUES, Dunga. *Marphysa: romance de costumes (ou o cotidiano de Cuiabá nos tempos do Candimba, das touradas do Campo d'Ourique e das Esmolas do Senhor Divino)*. Cuiabá: FUFMT/NDIHR, 1981. (Coleção Memória Social da Cuiabania, 1).

RODRIGUES, Dunga. *Cuiabá: Roteiro de Lendas*. Cuiabá: FUFMT, 1985. (Coleção Memória Social da Cuiabania).

RODRIGUES, Dunga. *Colcha de Retalhos*. Cuiabá: Defanti, 2000a.

RODRIGUES, Dunga. *Movimento musical em Cuiabá*. Cuiabá: Ed. da autora, 2000b.

NADAF, Yasmin Jamil. *Presença de mulher*. Rio de Janeiro: Lidador, 2004.

NASCIMENTO, Elizabete. *Sinfonia de Letras: acordes literários com Dunga Rodrigues*. Curitiba: Appris, 2021.

XAVIER, Elódia. *Tudo no feminino: a mulher e a narrativa brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.